

Programa Enfermagem do SESP: Formação e Identidade Profissional Brasileira Pós-1930

SESP Nursing Program: Brazilian Training and Professional Identity Post-1930

Paulo Fernando de Souza Campos¹

Resumo: O presente artigo analisa a formação profissional da enfermagem brasileira pós-1930, em específico, a reinserção de mulheres negras em escolas de enfermagem no Brasil. Por intermédio da biografia de Josephina de Melo, enfermeira diplomada pela Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, bolsista do Programa Enfermagem, do Serviço Especial de Saúde Pública, pretende-se ampliar o debate em torno da imagem social da enfermeira. Os resultados caracterizam o processo de redimensionamento da identidade profissional da enfermagem brasileira, bem como a representação social de sua principal personagem: a enfermeira.

Palavras-chave: *História da Enfermagem; Mulher; Identidade Profissional*

Abstract: *This study analyses the Brazilian professional nursing education reshaping process post-1930's. For this purpose, it describes the re-insertion of black women within professional nursing through the biography of Josephina de Mello, a nurse graduated by the University of Saint Paul, School of Nursing through a scholarship offered by the Nursing Program of the Public Health Special Service – SESP. Founded on her biography it is intended to enhance the debate around nurse's social image. Outcomes show the redimensioning process of the Brazilian professional nursing identity as well as the social representation of its main character: the nurse.*

Key-words: *Nursing history; Woman; Professional Identity.*

Introdução

Em agosto de 1947 o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP publicou a síntese extraída da Reunião de Ministros das Relações Exteriores realizada durante a assinatura do acordo entre Estados Unidos e países da América Latina para o Pro-

¹ Doutor em História (UNESP, Assis) com pesquisa de pós-doutorado em História da Enfermagem (EE/USP). Professor dos cursos de Licenciatura em História do Instituto Adventista de Ensino (UNASP-EC) e Universidade de Santo Amaro (UNISA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas (POLIBERA/UNISA/CNPq). Contato: pfsouzacampos@hotmail.com

grama Enfermagem. Com apoio da Fundação Rockefeller, a proposta original visava ampliar formação e orientação profissional da enfermagem latino-americana (Moreira, 1999). No caso brasileiro, a elitização da enfermagem, decorrente das vicissitudes da Reforma Sanitária de 1920, restringia o contingente profissional importante, mas inexpressivo se considerado na extensão do território nacional. Além deste aspecto, o padrão assumido como ideal, sugerido pela lei 20.109/31, de 15 de agosto de 1931, impedia o ingresso de homens, pois voltado para mulheres, brancas, bem posicionadas social e economicamente, oriundas de famílias abastadas ou filhas das elites urbanas, como desvela a historiografia que trata o tema.

Com o título *To The Pan-American Ministers*, o artigo ressaltava, para além da política de boa vizinhança, uma representação do Brasil como local desprovido de serviços sanitários básicos, sem política pública eficaz no que se referia à assistência à saúde e com poucos profissionais qualificados como pode ser observado no texto citado na íntegra:

Numa reunião anterior dos ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, em 1942, foi aprovada uma resolução que visava quase igualar a distribuição de facilidades de saúde no Hemisfério Ocidental. Foi reconhecido que a doença não respeita fronteiras políticas e atinge a todas as pessoas sem distinção de raça, cor ou crença. Reconheceu-se também a importância fundamental da saúde num povo que está lutando pelos princípios da liberdade. O Serviço Especial de Saúde Pública (S.E.S.P.), Programa Cooperativo de Saúde Pública entre os governos do Brasil e Estados Unidos da América, foi criado em consequência da reunião dos Ministros do Exterior em 1942. Em cinco anos de ação nos vales do Amazonas e do Rio Doce, é com orgulho que podemos falar da assistência que prestamos, durante o período da guerra, à saúde dos trabalhadores que buscavam material estratégico contribuindo para o esforço bélico comum. Depois da guerra e durante o período de reconstrução, grandes benefícios têm sido prestados ao povo de tais áreas, através do estabelecimento de centros de saúde, sistemas de água e esgoto, controle da malária pelo DDT, programa de treinamento para médicos, engenheiros e enfermeiras, educação sanitária e assistência médica. Sentimos que tais facilidades estão propiciando à massa popular uma Nova Liberdade: - a Saúde. Já se disse com muito acerto que um homem que não tem saúde, pode apenas desfrutar de uma liberdade: a liberdade de morrer. Este programa cooperativo está contribuindo para aumentar a compreensão inter-americana, dentro da filosofia da Política de Boa Vizinhança. Está também criando um povo mais sadio que melhor compreenderá a grande importância dos problemas que estão na Agenda da atual Conferência Pan-Americana. Em nome do Institute of Inter-American Affairs e do Serviço Especial de Saúde Pública damos as boas-vindas, mais uma vez, aos Delegados das Nações Americanas e formulamos votos pelo completo êxito na solução dos importantes problemas que têm diante de si (Boletim SESP, 1947, p.3)

A síntese publicada na íntegra evidenciava, para além da americanização da sociedade brasileira, a importância atribuída às regiões norte-nordeste, local de extremo interesse norte-americano, tanto econômico, quanto político (Tota, 2000). O saneamento das regiões do Amazonas e Vale do Rio Doce implicava não somente melhorar a qualidade de vida das populações, mas permitir que grupos norte-americanos instalados em bases militares, existentes na região, não sofressem com a precariedade dos serviços de saúde pública. O Programa se coadunava com a política populista de Getúlio Vargas, que pretendia inserir um novo contingente de trabalhadores no universo formal do trabalho, redimensionado por sua intervenção política ao propiciar a fundação das primeiras leis trabalhistas no Brasil.

O relatório da visita realizada em setembro de 1947, redigido por Clara Curtis, *Chief Nurse Brazilian Field Party, Nursing Training Division of SESP*, permite ampliar as considerações acerca das intervenções nas regiões norte-nordeste, especificamente em relação à concessão de bolsas de estudos para jovens oriundos destas regiões como permite confirmar a publicação do artigo intitulado *SESP bolsistas in the School of Nursing in São Paulo*:

There are at present 37 SESP bolsistas in the School of Nursing in São Paulo, 21 of these in the 1947 class, due to Graduate on June 7. While in São Paulo, Mrs. Curtis visited the School of Nursing and talked with Da. Maria Rosa Pinheiro, Acting Director during Miss Fraenkel's stay in the United States. It was arranged all students of the 1947 class meet Mrs. Curtis individually and discuss their plans after graduation. All were told of the opportunities in nursing positions offered by the SESP and the bolsistas from the northern states of Brazil where especially urged to enter the services of the Amazon Program. These students had all met Miss Tessie Williams and Da. Sumaia Curi during the National Congress in March, and had discussed with them the possibility of work in the SESP. See exhibit for SESP bolsistas, class of 1947, listed according to their home states and expected field of work after graduation. (Boletim SESP, 1947, p.2).

As bolsas de estudo concedidas pelo SESP foram de vital importância para o desenvolvimento do Programa Enfermagem. Considerando a existência de outras escolas participantes, que receberam investimentos oriundos do *Institute of Inter-American Affairs - IIAA* para promoção de cursos de formação técnica é possível afirmar que a assistência de enfermagem encontrou avanço significativo com a instalação da Escola de Enfermagem de São Paulo, da Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo pós-1930 (Santiago, 2010; Takashi, 2011).

As análises realizadas permitem considerar que alunas bolsistas SESP, diplomadas pela Escola de São Paulo como era identificada na década de 1940, ocuparam posições importantes em diferentes espaços de atuação, no ensino como pro-

fessoras, na assistência de enfermagem como enfermeiras do Hospital das Clínicas de São Paulo, Serviço Especial de Saúde de Araraquara – SESA e Programa Amazônia, ou ainda assumindo cargos diretivos em órgãos governamentais e instituições públicas de saúde em diferentes estados dos quais eram oriundas. As bolsistas SESP diplomadas na segunda turma da Escola de São Paulo representam uma ruptura com as representações sociais da *enfermagem padrão*, que cristalizava a imagem da enfermeira a partir de origens étnico-raciais, sócio-econômicas e condição civil na medida em que significadas como brancas, cultas e solteiras (Barreira, 1997). Oriundas das regiões norte/nordeste, mulheres negras que estudaram na EEUSP contribuíram decisivamente para o combate a juízos de valor impostos pela oficialização do ensino de enfermagem, em específico, os que impediam o ingresso de negros e restringiam o ingresso de pobres nas escolas equiparadas ao padrão desejado, tais como formação educacional (histórico escolar, formação na área em cursos rápidos), capacidade física (altura, boa visão, ausência de limitações motoras), moral (boa índole, casta) e social (religiosidade, famílias abastadas).

Mesmo que negros existissem como enfermeiros diplomados pela Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, do Hospital Nacional de Alienados, (Porto; Amorim, 2007), o ingresso das bolsistas SESP na segunda turma da Escola de Enfermagem de São Paulo, em 1942, permite considerar que o IIAA/SESP propiciou mobilidade e ascensão profissional aos negros no Brasil em conformidade com o projeto político proposto pelo Estado Novo, centrado na inclusão das massas como parte do processo de modernização da sociedade brasileira. Caracterizado como populismo, a forma de governar que marcou a vida política do presidente Getúlio Vargas, conhecido como pai dos pobres, de algum modo possibilitou que homens e mulheres afro-descendentes assumissem seus lugares na enfermagem como arte, ciência e ideal (Levine, 2001).

Contudo, para os negros, as possibilidades esboçadas pelo Estado Novo incluíam novas exigências que invadiam o campo das sensibilidades. As mudanças trazidas pela constituição do Estado Moderno visavam controlar e disciplinar os trabalhadores, ao mesmo tempo racionalizar o trabalho (Silva, 1999). Os discursos produzidos em torno da ordem moral, do civismo e patriotismo elevavam o grau das exigências sociais, neste processo, os negros deveriam provar, das mais diferentes formas, a excelência de suas qualidades morais, intelectuais, sociais e de formação para permanecerem na zona estabelecida entre o pertencimento e o não pertencimento social (Campos, 2008).

Ascender socialmente exigia uma preocupação com aspectos do cotidiano que eram, no caso dos negros, avaliados com rigor excessivo. O controle atingia moda, traquejo social, cuidado com as formas corporais e exposição dos desejos, significativamente, os de ordem sexual. A representação social imposta aos afro-

-descendentes, identificados como grosseiros, malfeitos, rudes, incivis e indelicados, confrontava com os traços delicados de quem possuía uma epiderme de cor mais clara, julgados afáveis, corteses, educados, valores que deveriam possuir qualquer pessoa de bem (Santos, 2002). A modernidade não parecia provocar mudanças, pois os negros continuavam nas fímbrias da sociedade e violentados em sua auto-estima. A noção corrente impunha que pessoas de cor com posição social diferenciada deveriam portar-se de forma exemplar, demonstrar capacidades acima da média, vestir-se bem, para que a distinção provocada pela moda não as desabonasse, evitando desagravos indesejáveis e costumesiros.

No âmbito da história da enfermagem, as representações que impediam o ingresso de mulheres afro-descendentes na formação profissional caracterizam um dos anacronismos existentes e forjados pela historiografia, pois o vínculo entre cuidado e mulheres negras recupera a longa história social, cultural e antropológica do cuidar/cuidado. Amas-de-leite, babás, mães pretas, parteiras, benzedoras atuaram poderosamente como cuidadoras no Brasil e nas Américas (Souza Campos, 2008). Exemplo clássico, Mary Seacole, negra jamaicana destacou-se na Inglaterra vitoriana por suas ações na Batalha de Sebastopol, conhecida entre os soldados como Florence Negra. Nos Estados Unidos, *The National Association of Colored Graduate Nurses – NACGN* constituiu um movimento associativo específico, que reunia enfermeiras negras diplomadas como Mary Elisa P. Mahoney, primeira mulher negra americana diplomada enfermeira pelo *New England Hospital for Women and Children*, da cidade de Boston (Donahue, 1996). No Brasil, alinhado ao sentimento patriótico, mulheres negras foram diplomadas enfermeiras e samaritanas pela Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira – Filial do Estado de São Paulo (Oguisso, Dutra, Campos, 2008).

Resistindo às imposições do padrão proposto à enfermagem e à representação social imposta à enfermeira, mulheres negras retomaram suas posições no cuidado de modo significativo com a fundação da Escola de Enfermagem de São Paulo em 1942. Atuaram de modo decisivo na reconfiguração da enfermagem brasileira e com o efeito demonstração, que consubstanciou a institucionalização das ciências aplicadas no Brasil. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a trajetória histórica de Josephina de Melo, enfermeira diplomada em 1947 pela Escola de Enfermagem de São Paulo, cuja vida e obra permitem analisar questões inerentes à identidade profissional da enfermagem brasileira, em específico, as relativas à construção da imagem da enfermeira brasileira pós-1930.

O “firme propósito de ser enfermeira”

Bolsistas SESP da Escola de Enfermagem de São Paulo tinham histórias de vida similares, com raras exceções. Eram moças oriundas de famílias sem grandes

possibilidades financeiras, com responsabilidades junto à educação de irmãos mais novos, invariavelmente trabalhadoras e jovens entre vinte e trinta anos. Chegavam de seus locais de origem em pequenos grupos recebidos por veteranas da primeira turma e encaminhadas para preenchimento de registros necessários, protocolo simbolicamente fundado em regras de etiqueta, que pretendiam caracterizar o perfil de mulheres desejáveis para representar a nova enfermagem brasileira. Deste processo emerge Josephina de Mello.

Contrariando a realidade de moças afro-descendentes, Josephina era dotada de uma postura altiva e possuía status social na capital amazonense. Filha de Juvêncio Paulo de Mello, brasileiro, funcionário da *Manaus Harbour Comp.* e Florence Albertha de Mello, enfermeira obstétrica nascida em Barbados, Bridgetown, região colonizada por ingleses, os registros de Josephina revelam a jovem manauara como possuidora de uma sólida formação sócio-educacional. Havia estudado no Colégio Estadual do Amazonas diplomando-se Professora Normalista pelo Instituto de Educação do Amazonas, em 1942 e Samaritana Socorrista pela Cruz Vermelha Brasileira de Manaus, em 1943. Decidida, em 1944, ingressou na Escola de Enfermagem de São Paulo.

O histórico escolar de Josephina permite afirmar que havia trabalhado como auxiliar de escritório, mas também nos serviços de enfermagem “... no Posto de Assistência Médica do Bairro de Girau em Manaus, mantido pela Legião Brasileira de Assistência” como na *Hubber Development Corp.*, empresa de capital estrangeiro administrada por pessoas influentes e protestantes, inspiração religiosa que também professava como membro da Igreja Luterana, em Manaus. Culta, a jovem amazonense conhecia a cidade de São Paulo e gostava de leitura “profana, sacra e científica” como registrou em sua Ficha de Admissão ao ingressar como aluna na mais nova Escola de Enfermagem do Brasil:

Tenho vários motivos que me levaram a escolher a profissão de Enfermeira. Quando criança, experimentava um prazer enorme em organizar hospital para bonecas: convidava minhas amiguinhas de então, a hospitalizar suas ‘filhas bonecas’, no meu hospital, muita vez instalado em baixo de u’a mēsa. A chegada de uma boneca, representava naquele momento, muito prazer e ai, eu me desdobrava em atividades, providenciando cama, roupa, etc. Havia varias espécies de doentes: os de estado lisonjeiro que iam apenas enfeitar o hospital e os considerados graves, tais como: doentes de pernas quebradas: estes eram levados ao ‘cirurgião’, meu pae, que tinha uma paciência inesgotável. Os doentes sofriam a operação e com imenso prazer eu os devolvia as suas mães. Raro era o doente que eu não conseguia fazer voltar a pretensa saúde; a este se me fosse possível, substituiria por outros, o que o ‘Cirurgião’ era contra, pois ele lembrava que nos hospitais costumava morrer doentes. Passados anos, perdi meu querido Pae, arrojé-me aos estudos. Tinha um certo grupo de alunas

do qual eu tomava parte e que sempre se reunia na sala de leitura: cada uma dessas alunas nessa reunião, exteriorizava o seu ideal. Eu continuava no firme propósito de ser enfermeira: falava do meu ideal, não com eloquência porque não a possuo, apenas dizia: quero ter contato com os que sofrem. Mas como não havia possibilidades eu repetia nas minhas preces a Deus, as palavras de Stanley Jones: Senhor! Ajuda o meu ideal coincidir com o Teu, para que o Teu possa coincidir com o meu! São Paulo, 30 de março de 1944.

Posição social e educação bilíngüe conferiam à Josephina posição de destaque entre alunas não brancas. Não raro, circulava pelo ambiente acadêmico entre professoras e em vários momentos retratada nos jardins da Faculdade de Higiene e Saúde Pública. Durante sua formação profissional morou no Hospital das Clínicas, assistiu a aulas ministradas por ilustres professores da Faculdade de Medicina, frequentava o ambiente hospitalar e participou do Primeiro Congresso Nacional de Enfermagem, em 1947, no qual encontrou Sumaya Curi, enfermeira do SESP para o *Amazon Program* que proferiu palestra intitulada “Enfermagem no Amazonas” no primeiro dia de exposição dos temas que abriram o evento.

Enfermagem de saúde pública, enfermagem clínica, estudos sobre tuberculose, assim como microbiologia, disciplina ministrada por Carlos Lacaz, destacam-se no histórico escolar de Josephina Mello. A bolsista tinha uma natural propensão ao trabalho prático, cuja média alcançada (8,45) superou a média do curso teórico (7,01), além de seu histórico indicar que realizou 172 horas em estágio “pré-clínico”, 135 horas em “Clínica médica geral mulheres”, 86 horas em “pediatria” e 83 horas em “Sala de operações e centro de material”. Concluído o curso, foi convocada para atuar no Programa da Amazônia no campo do ensino de enfermagem como previa o termo de outorga da bolsa, voltado para treinamento de auxiliares de enfermagem para o trabalho junto às populações locais.

Imagem 1: Josephina de Mello - 1943

Legenda: A partir da segunda turma, em 1943, a Escola de Enfermagem da USP contava com alunas negras. Josephina de Mello é um caso contundente. Normalista diplomada, a ex-aluna concluiu o curso da Cruz Vermelha Brasileira para “enfermeira de emergências”, o que permite afirmar que ao matricular-se a jovem manauara atuava na área da assistência de enfermagem no Estado do Amazonas.
Fonte: Acervo CHCEIA/EEUSP



Imagem 2: Josephina de Mello - 1947

Legenda: Filha de uma enfermeira obstétrica inglesa, a bolsista do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP, trabalhava na capital do Amazonas no Posto de Assistência Médica, do bairro de Girau, mantido pela Legião Brasileira de Assistência quando teve seus estudos financiados, mudando-se para São Paulo.

Fonte: CHCEIA/EEUSP



Durante os dias do Primeiro Congresso Nacional de Enfermagem, realizado no ano em que se diplomou, o tema da assistência de enfermagem na Amazônia reforçava vínculos estabelecidos com alunas oriundas da região norte/nordeste, bolsistas SESP, como ocorreu com Josephina de Mello. As resoluções do Primeiro Congresso Brasileiro de Enfermagem concluíam que:

Chegou a hora que ambicionávamos e o momento é propício para levarmos avante os planos que julgamos essenciais a fim de que a enfermagem seja colocada dentro das normas de profissão constituída capaz de progredir e desenvolver-se em todo o Território Nacional. De todos os cantos do país, ouvimos o apêlo pedindo maior número de enfermeiras diplomadas, para os diversos ramos da enfermagem (...) Com êste intuito, a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no seu Primeiro Congresso Nacional de Enfermagem, realizado em S. Paulo de 17 a 22 de março do corrente ano e com o desejo sincero de assumir a responsabilidade da execução dos planos de enfermagem que visam a saúde e o bem estar do povo, aprovou apresentar ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde as resoluções finais. (Boletim do SESP, 1947, p.3).

O termo de outorga da bolsa previa que bolsistas deveriam prestar serviço ao SESP após a formatura como parte do acordo. As cláusulas contratuais faziam valer o efeito demonstração, que redimensionou a enfermagem nacional pós-1930 ao formar uma nova liderança nacional em diferentes estados do Brasil. A Escola de Enfermagem de São Paulo constituía o núcleo do Programa Enfermagem, voltado para a ampliação da formação profissional da enfermagem, construída para disseminar a nova enfermagem brasileira, pois disseminaria conhecimentos apreendidos em regiões distantes de grandes centros urbanos. A condição social de Josephina e o prestígio de sua família na região do Amazonas eram suficientes

para o retorno da bolsista, pois as boas condições que a permanência no Estado do Amazonas acarretaria à mais nova diplomada, ex-aluna da moderna Escola de Enfermagem de São Paulo, uma ampliação significativa de sua vida profissional.

Enfermagem como profissão

Formada em 1947, Josephina foi contratada pelo Serviço Especial de Saúde Pública para exercer o cargo de enfermeira de Saúde Pública nas Unidades Sanitárias dos Territórios Federais de Rondônia e Acre, cargo este que ocupou durante um ano. Dirigiu Cursos de Visitadora Sanitária e Auxiliar Hospitalar em Santarém, Estado do Pará entre os anos de 1948 a 1950, foi coordenadora geral de Cursos de Visitadora Sanitária e Auxiliar Hospitalar em Palmares, Pernambuco, Colatina, Espírito Santo, Pirapora, Minas Gerais. Mediante convênio entre SESP e Instituto de Assuntos Inter-Americanos, recebeu incentivos financeiros para estudar como bolsista na Universidade de Minnesota, Estados Unidos, curso que concluiu em 1951.

Exerceu função de enfermeira distrital com sede em Santarém, Estado do Pará e foi enfermeira assistente da Seção de Enfermagem, do Programa da Amazônia, no ano de 1952, exercendo função de enfermeira chefe da Seção de Enfermagem do Programa da Amazônia com sede em Belém-Pará até o ano de 1954. Em 08 de março de 1955 Josephina de Mello recebeu a designação de Professora da Escola de Enfermagem de Manaus, responsabilizando-se por disciplinas como Inglês, Ética, Anatomia, Fisiologia, História da Enfermagem, Exercício Profissional e Administração Aplicada à Enfermagem. Publicou artigos em revistas científicas, nacionais e internacionais, dentre os quais “Guia para Escuelas de Enfermeria en la América Latina”; “Saúde Pública e sua Integração nos currículos das Escolas de Enfermagem. Alguns subsídios”; “Preparo, no Curso de Graduação, para a Integração do Enfermeiro recém-graduado na vida profissional”; “O papel da Enfermagem nos serviços de Saúde em face da Realidade local e regional do Brasil”; “As funções de chefia em Enfermagem”, entre outros².

Em 1958, designada para o cargo de Vice-Diretora da Escola de Enfermagem de Manaus e demais atividades docentes, conquistou o cargo honorífico de Provedora da Santa Casa de Misericórdia de Manaus assumindo como pioneira em uma função destinada socialmente aos homens. As atividades didáticas fizeram parte essencial da vida profissional de Josephina de Mello, seu memorial evoca diversas atuações no campo de sua especialidade e fora dele como organização de cursos e simpósios, ministrando aulas e proferindo discursos e conferências, bem como junto ao movimento associativo, em específico, Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn (Secaf *et al*, 2007).

² Ver mais em Velandia, 1995, Siles, 1999 e Castro Santos, 2004.

No artigo “A Enfermeira como responsável direta pelo Serviço de Saúde em pequenas comunidades do Amazonas”, Josephina de Mello indicava fundamentos e diretrizes para uma boa organização do serviço de enfermagem deslindando o potencial da formação alcançada junto à Escola de Enfermagem de São Paulo. O artigo sintetizava a história do SESP assim como da organização dos serviços na Amazônia e atuação da enfermeira, responsável direta por atividades essenciais de saúde pública, destacadas pela assistência médica-sanitária com especial atenção para gestantes e recém-nascidos, controle de doenças transmissíveis, saneamento, bioestatística (coleta de dados) e educação sanitária.

A enfermagem tem tido papel de destaque em tôdas as fases de trabalho do SESP. Em retrospecto vêmo-la no adestramento de pessoal improvisado para unidades de trabalho, na melhoria do preparo de enfermeiras e de auxiliares de enfermagem por meio de assistência às respectivas escolas, na concessão de bolsas de estudo, no treinamento em serviços de pessoal auxiliar, até a atual fase em que ela chama a si a responsabilidade de atender nas unidades sanitárias os grupos sadios de gestantes e infantes dos serviços médicos assistenciais existentes. Com essa descentralização a enfermagem reserva para o médico os casos que necessitam cuidados especificamente médicos.

Membro efetivo da ABEn, foi Vice-Presidente da Associação das Misericórdias do Brasil, Membro da Associação Paulista de Hospitais; Sócia do Colégio Brasileiro de Administradores Hospitalares; Sócia da Associação Brasileira de Técnicos de Administração, Seção do Amazonas; sócia Titular da Associação de Relações Públicas. Por sua atuação no campo, recebeu Menção Honrosa conferida pela ABEn e *Johnson & Johnson* por ocasião da entrega do Prêmio Enfermeira do Ano 1969. Do mesmo modo, recebeu Medalha de Prata por ocasião do XXII Congresso Brasileiro de Enfermagem, em São Paulo, por sua participação efetiva na melhoria das condições de assistência de enfermagem na Amazônia, bem como a Medalha Ana Nery conferida pela Sociedade Brasileira de Educação. No ano de 1978 recebeu a Medalha Mérito Oswaldo Cruz, conferida pelo Presidente da República, General Ernesto Geisel, por indicação de Paulo de Almeida Machado, Ministro de Estado da Saúde, por relevantes serviços prestados à nação brasileira no campo de Saúde Pública.

Considerações Finais

As primeiras alunas afro-descendentes da Escola de Enfermagem de São Paulo eram majoritariamente da região norte/nordeste do Brasil e compunham parte do Programa Enfermagem. A presença negra na maior escola de enfermagem da América Latina conferia uma brasilidade diametralmente oposta da imagem

construída para sua principal personagem, contrariando representações dominantes que significavam enfermeiras como moças brancas, perfil valorizado em detrimento de outras aparências e que tinham seus cursos financiados pelo SESP, moças simples, negras, mulatas, pardas, raramente retratadas, mas que compunham o corpo discente da segunda turma da moderna escola de enfermagem do país fundada como núcleo do Programa Enfermagem.

Mesmo com dificuldades, as primeiras negras a estudar na Escola de Enfermagem de São Paulo se destacaram na vida profissional, foram ilustres em suas trajetórias profissionais, alcançaram méritos, honrarias, porém, inominadas e esquecidas pela historiografia tradicional forjada no ananerismo derivado da instauração da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, durante a Reforma Sanitária de 1920, posteriormente identificada como Escola de Enfermagem Anna Nery.

A história de vida da enfermeira diplomada pela Escola de Enfermagem de São Paulo não se encerra em sua atuação no campo da Saúde Pública. Com sua transferência para a capital do Estado do Amazonas, Josephina é convidada a trabalhar junto ao SESP, cuja trajetória a conduz inexoravelmente para a vida acadêmica e associativa. Registros dispersos indicam que sua permanência em Manaus, a atuação no movimento associativo e na formação profissional se intensifica, fazendo de Josephina de Mello uma das enfermeiras que venceram a renhida batalha do preconceito para dedicar-se ao desenvolvimento da enfermagem brasileira. Suas redes de influência, contatos com políticos e gestores de órgãos e institutos públicos possibilitaram intermediações entre reivindicações da categoria junto aos órgãos máximos das decisões no âmbito da enfermagem brasileira. Com uma vida marcada pela profissionalização e profissionalismo, Josephina de Mello deve ser considerada uma mulher ímpar, uma das ilustres enfermeiras negras do Brasil.

Referências

- Barreira IA. Os Primórdios da Enfermagem Moderna no Brasil. *Escola Anna Nery* - *Revista de Enfermagem*. (lançamento), Rio de Janeiro (RJ), 1997: 161-176 Boletim SESP, 1947.
- Campos PF, Oguisso T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a Reconfiguração da Identidade Profissional da Enfermagem Brasileira. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), 2008, v(61): 892-898.
- Carvalho AC. *A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Resumo Histórico 1942-1980*. São Paulo, EEUSP, 1980.
- _____. *Edith de Magalhães Fraenkel*. São Paulo, EEUSP, 1992.

- Castro Santos LA, Faria LR. A Cooperação Internacional e a Enfermagem de Saúde Pública no Rio de Janeiro e São Paulo. *Horizontes* (2), Bragança Paulista (SP), 2004: 123-150.
- Deane L. Esboço Histórico do Instituto Evandro Chagas. *Revista da Fundação SESP*, Rio de Janeiro (RJ), 1986, n(31): 47-56.
- Donahue P. *Nursing. The finest art. An Illustrated History*. St. Louis, Mosby, 1996.
- Levine RM. *Pai dos pobres? O Brasil na Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001
- Mancia JR, Padilha MI. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), 2006, n(59): 432-437.
- Moreira MCN. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem n Brasil na Primeira República. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro (RJ), 1999, v(3): 621-645.
- Moreira A, Oguisso T. *Profissionalização da Enfermagem Brasileira*. Rio de Janeiro (RJ), Guanabara Koogan, 2005.
- Mott MLB. Discutindo a História da Enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), 1999, v(13): 327-355.
- Oguisso T, Dutra VO; Campos PFS de. *Cruz Vermelha Brasileira – Filial Estado de São Paulo: formação em tempos de paz*. São Paulo (SP), Manole, 2008.
- Porto FR, Amorin W. *História da Enfermagem Brasileira*. Rio de Janeiro (RJ), Águia Dourada, 2007.
- Santos GA. *A Invenção do Ser Negro. Um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Educ, Pallas, FAPESP, 2002.
- Secaf V, Costa HC. Boa-Viagem A. *Enfermeiras do Brasil. História das Pioneiras*. São Paulo (SP), Martinari, 2007.
- _____. Los Negros y los Cuidados en las Familias de Brasil: una visión histórica e iconográfica. *Cultura de los Cuidados - Revista de enfermería y humanidades*, Alicante, 2008, v(24): 26-34.
- Siles Gonzáles J. *Historia de la Enfermería*. Alicante, Aguacilara, 1999.
- Silva ZL. *Domesticação dos trabalhadores no anos 30*. São Paulo: Edusp. 1999
- Tota AP. *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo (SP), Companhia das Letras, 2000.

Velandia Mora AL. *Historia de la Enfermería en Colombia*. Bogota, Universidad Nacional de Colombia, 1995.

Villa MA. *1932 Imagens de uma Revolução*. São Paulo (SP), Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

Data de Recebimento: 05/08/2012
Data de aprovação: 08/02/2013
Conflito de Interesse: Nenhum declarado
Fonte de Fomento: Nenhum declarado

